

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8500
. 10 —Para outras localidades. 9500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Villa Real de Santo António

ÍNDIA PORTUGUESA

EM 9 DE FEVEREIRO o Pandita Nehru, Primeiro Ministro da União Indiana, fez declarações no Parlamento de Nova Delhi sobre a «possessão» portuguesa de Goa.

Ora «possessão» não existe: a Índia, como Timor, como a Estremadura ou qualquer outro território português, é uma província de Portugal, carne e espírito da mesma Pátria. Di-lo a constituição no seu artigo primeiro: «O território de Portugal é o que actualmente lhe pertence e compreende: 4.º—Na Asia: Estado da Índia e Macau e respectivas dependências.» E logo no artigo segundo, o texto fundamental da República Portuguesa diz: «Nenhuma parcela do território nacional pôde ser adquirida por Governo ou entidade de direito público do país estrangeiro.»

E quais foram as declarações do Chefe do Governo indiano? «Goa — disse — terá de vir para a Índia.»

Com que direito? Nem a ocupação efectiva e pacificamente portuguesa há mais de 400 anos; nem a raça, assimilada e muito diferente da indiana; nem a crença, cristã por virtude dos portugueses; nem a língua, nem os sentimentos, podem fundamentar as afirmações—ainda que proferidas no tumulto parlamentar—de Nehru. Nada senão a força e o arbítrio, invocados por um País novo com o qual Portugal logo entabulou relações de vizinhança e diplomáticas correctas!

Ora Portugal, por força do seu Direito e por clara manifestação da sua vontade, não cede, não vende, não aluga a menor parcela do seu território.

A própria voz dos indo-portugueses se levantou em unísono com a dos portugueses de todo o Mundo contra as palavras de Nehru,—a protestar o seu portuguesismo, a sua fidelidade à Pátria, à religião e aos sentimentos que através dos séculos os têm norteado.

Se a ameaça é a arma dos fracos, nenhuma razão assiste a quem a lança contra Portugal: aos olhos do Mundo, este país aparecerá sempre como um expoente do Direito e da Moral, valores eternos que nenhuma força pode tocar.

A Índia Portuguesa é Portugal. Demonstram-no os milhares de telegramas dirigidos por portugueses de todo o Mundo ao Presidente do Conselho e ao Ministro das Colónias, protestando contra as afirmações de Nehru. Deles transcrevemos os do Senhor Bispo de Bragança e do Governador Civil de Braga e o de um Juiz goês, redigidos nos seguintes termos:

«Surpreendido pelas aspirações dissolventes do Primeiro Ministro indiano e do comandante de Cantão, ou, antigo missionário e Bispo de Bragança, protesto energicamente contra tal atitude,

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

Procissão de Cinzas

Conforme noticiámos, realiza-se hoje, com a acostumada pompa, a tradicional procissão de Cinzas.

A procissão, que é uma das mais interessantes que se realizam no Algarve, sairá, pelas 16 horas, da igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

Acompanhará a procissão a excelente Banda de Tavira.



Um aspecto da Procissão de Cinzas na Rua D. Marcelino Franco

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Pontos de Exame

Estão publicados os pontos de exame dos 2.º e 5.º anos liceais, de harmonia com os novos programas, editados pela Livraria «Porto Editora», uma das mais conceituadas empresas editoriais da Capital do Norte.

Cada colecção, referente a cada uma das disciplinas, ou sejam catorze, contem 12 pontos graduados segundo dificuldade crescente e com as gravuras julgadas convenientes.

Em qualquer das colecções as perguntas abrangem os assuntos contidos no programa da respectiva disciplina.

CHAMINÉS DO ALGARVE

AS MAIS LINDAS CHAMINÉS PORTUGUESAS

Certo, as mais lindas chaminés de Portugal são as do Algarve. As mais lindas e as mais bizarras. Não as há iguais ou semelhantes nas outras regiões portuguesas. Só o Baixo Alentejo, na parte confiante com o Algarve, mostra aos olhos do viajero chaminés de tipo algarvio.

No Alto Alentejo, num sítio chamado de São Vicente, a poucos quilómetros de Elvas, vi, há anos, as mais notáveis chaminés que os meus olhos, até então, haviam topado. Altas e largas, tão altas e tão largas, na aparência, como as casas que sobrepujavam, as chaminés dessa povoação alentejana sugeriam estranhos monumentos. O lugarejo, pinturesco como os mais pinturescos, dava—e dá, porque ainda existe, com certeza—a impressão de estar situado em país muito diferente do nosso, de civilização muito diferente da nossa, noutra parte do Mundo ou noutro mundo, talvez... Antes e depois, nesse mesmo Alentejo, de céu cáldo e intermínua planície, vi chaminés, muitas chaminés, que me convenceram do interesse votado, no Sul, a esse pormenor da arquitectura. São Vicente, porém, no termo da praça histórica, convenceu-me de que esse interesse era, verdadeiramente, um culto. E lembrei-me, com pesar, do desinteresse que o Centro e o Norte de Portugal votam, geralmente, a essa parte da fisionomia externa da habitação, tão digna de atenções e cuidados especiais.

Se as chaminés do Alentejo, algumas chaminés do Alentejo, me haviam espantado, as chaminés do Algarve, todas as chaminés do Algarve, encantaram-me. Do primeiro ao último dia, enquanto a paisagem algarvia, já a urbana, já a rústica, me solicitou os olhos e mos trouxe como em constante deslumbramento, não cessei de olhar, de fixar, de admirar as chaminés do Extremo-Sul de Portugal, cujo talhe, bizarramente moirisco, se combina com as mais requintadas galas decorativas.

O algarvio pode, ao construir a sua casa, não cuidar muito da harmonia de linhas da fachada principal, da traça interior, do guarnecimento das dependências respectivas. Em geral—tive o ensejo de o notar bem—, não cuida. Não obstante, põe todo o esmero na confecção da chaminé. A chaminé e o luxo exterior da casa algarvia. E não se vá julgar que tal esmero é apanágio do algarvio citadino. Mas ainda, é—o do algarvio rural. De modo que, ao percorrer-se qualquer povoação do litoral ou do interior da província, tudo pode passar despercebido do visitante, menos atento, o menos curioso, o menos turista dos viajantes reparará, fatalmente, nesse ornamento da casa algarvia que, em certos sítios, revela a existência de verdadeiros artistas, detentores

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

PROBLEMAS SOCIAIS APONTAMENTO PARA A ASSEMBLEIA NACIONAL

Há vinte anos, em 6 de Fevereiro de 1930, publicava o *Diário do Governo* o decreto n.º 17.950 pelo qual eram tomadas algumas providências no sentido mais alto de defesa da Pátria. Esse decreto ficou, porém, inoperante, caíu no esquecimento dos interessados e dos responsáveis, e apenas tem sido lembrado por alguns patriotas mais eruditos. Importa, todavia, que esse texto legal volte a ser lido com cuidado, para que os

problemas até agora insolútos sejam definitivamente resolvidos a bem da Nação.

Neste ano de 1950, em que a Assembleia Nacional se prepara para proceder à revisão da Constituição da República, não fica mal à Imprensa chamar a atenção dos ilustres deputados para a doutrina do decreto esquecido. Hoje, muito mais do que em 1930, são poderosas as razões que levam ao estudo do mesmo problema, e só quem não medite na constituição geográfica de Portugal, na dispersão dos seus povos por vários continentes, nas condições dramáticas da política internacional, poderá admitir que tão magno assunto continue abandonado ao acaso dos acontecimentos e das circunstâncias. Trata-se, em suma, da defesa oficial do idioma português.

BATALHA de FLORES em Loulé

Com extraordinário brilhantismo, decorreram este ano as grandiosas batalhas de flores na importante vila de Loulé.

É incalculável o número de forasteiros que durante os dias de Carnaval visitou Loulé.

Foram três dias de folia em cheio. A Avenida parecia pequena para conter a multidão.

Todavia parece que atingiu o apogeu na 2.ª-feira-gorda.

Elevado número de artísticos carros se apresentaram no corso — e não erramos se afirmarmos que foi do melhor que se apresentou nos últimos anos.

Loulé está, pois, de parabens com tão excelente espectáculo, que excedeu todas as expectativas.

No fim da tarde do dia de Entrudo, usou da palavra ao microfone o sr. Provedor da Santa Casa da Misericórdia para agradecer a todos aqueles que contribuíram para a realização de tão interessante e significativa festa e ao público que a honrou com a sua presença.

E foi assim, no meio de chuvas de «coffeti», com uma alegria esufiante, que terminou mais uma das imponentes Batalhas de Flores, em Loulé.

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Por esse Mundo fóra...

● Num discurso vibrante que pronunciou recentemente, o General de Gaulle afirmou que, para que a França continue a ser França, é necessário que haja unidade nacional e um Estado forte e apelou para a união de todos os franceses animados pela «paixão de justiça social», pelo «respeito da tradição nacional» e pela «chama cristã, na qual se acendem, através dos séculos, a inspiração espiritual e moral da França».

● Numa mensagem eleitoral ao povo britânico, Churchill critica a administração socialista dos últimos quatro anos e indica sete dos pontos principais em que se baseará a política do Partido Conservador, se for chamado ao Poder. Esses pontos baseiam-se numa administração enérgica e verdadeira, no estabelecimento de boas relações com toda a Comunidade, na diminuição de despesas e na redução das contribuições e impostos.

● No Jukon, realizaram-se grandes manobras militares americano-canadianas, as primeiras realizadas no Alasca, depois da guerra. As manobras, que duraram de 11 a 21 do corrente, tiveram por objectivo a coordenação táctica e estratégica de duas forças militares sob um comando único, e nela tomaram parte três mil americanos e dois mil canadianos. Foram utilizados todos os elementos da guerra moderna e a temperatura na região é de 40 graus negativos.

● Durante uma sessão no Parlamento italiano, registaram-se graves tumultos de que resultaram seis feridos entre os quais uma mulher. Um deputado comunista mordeu uma das mãos do ministro do Trabalho por este ter evitado que agredisse o chefe do Governo. A sessão foi suspensa durante 15 minutos, depois do que foi votada a expulsão dos três de-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Polícia Cívica e Polícia de Segurança Pública

Já lá vão mais de 30 anos que a chamada Polícia Cívica declinou por completo, depois de passar uma existência inglória no seu desenvolvimento e na sua acção, por não ter atingido o objectivo para que foi criada, motivado pela balbúrdia política da época, Polícia que obedecia ás determinações da famigerada «Formiga Branca» e ás ordens de birbantes como o célebre «Pintor», Ex.^{mo} Sr. Manuel de Matos—como assim lhe chamavam—e de outros sequezes do mesmo jaez; Polícia unicamente armada de apito e de «cacete», de trancas para fugir. A sua educação cívica limitava-se á apresentação de boas maneiras, no receio de melindrar o cidadão pacífico ou no intuito de salvar a pele.

Vimos alguns guardas serem ofendidos com apupos, quando em serviço, perante o gáudio da população. O agente da autoridade não era mais do que um fantoche, pois quase ninguém lhe obedecia, a não ser algum cácio ou salão, porque o cartão maçónico da «Formiga Branca» era o salvo-conduto dos muitos arruaceiros de profissão, ao serviço dos corifeus democráticos. O guarda, vendo-se em apuros, apitava para os seus colegas virem em seu auxílio, mas estes não apareciam; mas, de subito e por sorte, aparecia um dos tais que, exibindo seu cartão maçónico, era coberto de mesuras e até tratado por excelência pelos adutores, e que imediatamente arengava, para que fosse dissolvida a malta acumulada, afim de evitar que o dito guarda, indefeso, fosse espancado.

No tempo do «Ruivinho de Fimalcão», a quando Governador Civil, começou a Polícia a andar tão armada, que o jornal «Ridículos» trazia na primeira página uma caricatura de polícia

Cantares da Nossa Terra

Está marcada para os primeiros dias de Março a representação da revista «Cantares da Nossa Terra», que será levada á cena pelos alunos do Colégio Tavirense, da autoria do sr. António Lança, com música do maestro Herculano Rocha, com cenários próprios do artista tavirense António Viegas Júnior, em conjunto com cenários assinados por Tossan, cedidos pelo Sport Lisboa e Faro.

Salienta-se na peça um corridinho, ensaiado por Jorge Rosado.

Seqüência dos Números:

Fada melusina, Pastora, Lenda das Amendoeiras, Lavadeiras do Gilão, Parlapatão. Banhistas, Chalão, Englesiú, O Fado, Sinfonia, Barnabé, Bia e Zefa, Mendiga, Bombeiros, soldados da paz, Um que passa, Voz do Povo, Contra tudo, Noite de S. João, Feia, Cafés da nossa terra (apoteose do 1.º acto), A ceifa no Algarve, Luz dos olhos teus, Malmequeres, Emigrante, Pipi da Tabela, Varinas, Bonifácio, Sorveteiro, Realizador e Maria do Mar, Pescadores, Zé povinho, Varandas Moiriscas, Menino Tó-tó, Aldeias branquinhas, Corridinho Algarvio, Hino a João de Deus (apoteose do 2.º acto).

Distribuídos pelos seguintes quadros:

I—Algarve na Lenda, II—A beira rio, III—Sinfonia, IV—Na esquina da Misericórdia, V—Feia, VI—Cafés da nossa Terra (apoteose do 1.º acto), VII—A ceifa no Algarve, VIII—Luz dos olhos teus, IX—Depois das três, X—Imagens dum filme, XI—Pescadores, XII—Varandas Moiriscas, XIII—Aldeias branquinhas, XIV—Hino a João de Deus (apoteose do 2.º acto).

com um facalhão atravessado na boca, «cacete», espada e pistola á cintura, uma espingarda de baioneta calada a tiracolo, uma metralhadora de cinco canos ao ombro, um canhão ás costas, uma bomba em cada mão e um apito suspenso ao pescoço. Mesmo armada até aos dentes e com as botas bem ensebadas, a indisciplina imperava na Polícia e na corja da rua.

Em Faro, a mesma polícia, dirigida por comissários políticos da classe civil—verdadeiros caciques eleitorais—não primava em disciplina, pois em confraternização com o vulfacho discutiam, em toda a parte e a seu bel-prazer, política caótica, que a maior parte das vezes tomava foros do ridículo.

Na época actual a Polícia de Segurança Pública, que não tem a pomposa designação de Polícia Cívica, é possuidora do verdadeiro civismo, pois que o alistamento do pessoal é feito a rigor e com todo o escrupulo. O exame, a que são submetidos, não só abrange o seu grau de instrução, como ainda as suas qualidades físicas e morais, para efeitos selectivos. Este exame, que é presidido pelos comandantes distritais, é também extensivo para a promoção de graduados, que é feita segundo o merecimento e a competência dos concorrentes.

E' que os comandantes, além de serem uns distintos e briosos oficiais do nosso moderno Exército, têm na sua esmerada educação todos os predicados necessários e indispensáveis para o bom desempenho do seu ingrato cargo e para incutir no espirito dos seus subordinados a melhor maneira de poderem lidar com pessoas de todas as classes sociais.

Assim, tomaremos para exemplo a Polícia do nosso distrito de Faro, cujo comandante, capitão Carlos Marques Loureiro, sabemos que, além de ser um «gentleman» e um oficial brioso, é um verdadeiro amigo dos seus subordinados, desde que estes enveredem pelo caminho do dever e da dignidade.

Dotado de um espirito forte e são, não consta que na sua convivência com o melhor da Sociedade Algarvia tivesse alguma vez menoscabado o seu semelhante, mesmo no exercício das suas funções oficiais. Apesar de ser a autoridade mais responsável pela manutenção da Ordem Pública, que a tem de manter a todo o custo com frieza e com firmeza, é um homem lhano e apável; e a sua estoicidade e compleição dão-lhe direitos de uma personalidade esclarecida, que muito concorre para a dignidade e para o moral da corporação. Esta corporação policial tem ainda a ornamentação da esse benquisto cidadão que é o chefe António Bernardo Fernandes—conhecido em todo o Algarve—de há muito considerado um dos pontos mais concretizantes da virtude e da dignidade pessoal e profissional. Sendo um elemento dos mais preponderantes da sua corporação, os seus superiores ufanam-se de ter um colaborador que, nas suas prédicas aos subordinados, tem posto em realce aquele espirito de disciplina de que a própria Sociedade tira benefícios e altaneiros resultados.

E' certo que pelo País fora também existem comandantes e funcionários da Polícia do mesmo valor, que, com a mesma acção daqueles, dão todo o prestígio á Polícia de Segurança Pública. Esta, organizada modernamente pelo Estado Novo; é hoje um quadro que se apresenta á Nação, e que não tem paralelo na história da Polícia portuguesa.

A sua importância pode avaliar-se pelo facto do recrutamento ser feito entre individuos que mais habilitações tiverem e que

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

PELA CIDADE

Bailes de Pinhata—Conforme está anunciado, realizam-se hoje, nos clubes recreativos locais, Sociedade Orfeónica, Clube de Tavira e Clube Recreativo Tavirense, os tradicionais bailes da Pinhata.

Excursão—No passado dia 20 do corrente, visitou esta cidade uma excursão composta de empregados dos escritórios da Companhia de Seguros «Fidelidade».

O grupo excursionista, que se compunha de 42 pessoas, almoçou nesta cidade, tendo admirado alguns dos seus aspectos mais interessantes.

Retirou cerca das 17 horas, muito bem impressionada.

Teatro António Pinheiro—Espectáculos da Semana.

Hoje, apresenta uma chuva de estrelas numa espirituosa comédia—*Quero te*, com Ann Sheridan, Dennis Morgan, Alexis Smith, Jack Carson, Jane Wymann, Reginald Gardiner e John Loder.

Uma comédia romântica, elegante e moderna. Um jovem e simpático milionário indeciso entre dois corações.

Em complemento, *Conflitos de Alma*, a mais vibrante história do ano, com Humphrey Bogart (o ídolo das multidões), Alexis Smith e Sidney Greenstreet.

A odisseia dum homem que, por um beijo, não hesitou em matar...

Fugindo á justiça, não conseguiu fugir á sua própria sombra, onde as garras do remorso e do medo o prendiam.

B'evemente, o grande filme colorido—*Sangue e Arena*, com Tyrone Power, Linda Darnell e Rita Hayworth.

PROBLEMAS SOCIAIS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sente esses alvitres, uma sociedade de carácter particular? Sem dúvida, aos ilustres deputados á Assembleia Nacional, intermediários entre a opinião manifestada pela Imprensa e o Governo da Nação.

São estas as sugestões insertas no boletim: *A Bem da Língua Portuguesa*:

I—Exigência de uma prova de Língua portuguesa em todos os concursos de admissão ou promoção do funcionalismo público.

II—Obrigatoriedade da existência em cada tipografia de um consultor filológico, privativo ou comum a vários estabelecimentos industriais.

III—As empresas industriais e comerciais de capital português obrigadas a denominações por expressões inteiramente portuguesas.

IV—Os produtos de indústria portuguesa só com marcas portuguesas.

V—No processo de constituição de sociedades comerciais e industriais, como no de publicação de novos produtos, a obrigação de sempre existir um documento que comprove ter sido consultada uma autoridade filológica.

VI—Na elaboração das pautas aduaneira e de quaisquer documentos alfandegários, exigidas as indispensáveis precauções para evitar a admissão de termos estrangeiros, constituídos em consequência das novas técnicas industriais.

VII—O uso de estrangeirismos unicamente tolerado depois de as autoridades competentes verificarem não ter sido possível adoptar qualquer expressão portuguesa.

VIII—Colaboração das autoridades civis e militares na aplicação da Lei de defesa do Idioma nacional.

IX—Providências para o rigoroso cumprimento da Lei em todo o território do Império português.

Eis, pois, um tema bem digno de estudo para a Assembleia Nacional. A defesa do idioma não é menos importante do que a defesa do território, quando as forças internacionalizantes operam

Cartas de Portugal (13)

A Cidade - Ninho de Águia

DE ANTERO NOBRE

Guarda, 15 Novembro-949

ESTA a terceira vez que venho á Guarda. Da primeira, já lá vão dez anos, corria um Agosto escaldante, que nos fazia esquecer estarmos na cidade mais alta de Portugal—e a segunda, em altitude, na Europa!—e antes nos fazia supor no centro da planície alentejana, em tarde de soalheiro; mas na segunda vez, há precisamente um ano, embora o espectáculo da neve se não tivesse oferecido ainda—tal como agora acontece—aos olhos dos turistas, que enxameavam já por toda a área da Estrela, a Guarda afigurou-se-nos—a nós, que vinhamos então directamente desse nosso Algarve, onde o Veranito de S. Martinho parecia não mais ter fim e tinha assomos de verão autêntico—afigurou-se-nos quasi como... o Polo Norte!

Estivemos, nessa altura, alguns dias aqui, nesta cidade-ninho de águia, a 1.043 metros acima do nível do mar, mas mal conseguimos ver o contorno dos prédios, tão intenso e tão insistente era o nevoeiro que envolvia tudo; e porque o nevoeiro era acompanhado de chuva, por vezes torrencial, e esta de vento quasi sempre de uma violência só conhecida aí em baixo por ocasião de excepcionais tufões e tudo vinha de mistura com um frio que enregelava os ossos e prendia os movimentos, os lazeres das ocupações profissionais, que uso utilizar para ver o que, em cada terra, pode prender a atenção de um amator de beleza e o espirito de um viajero «diletanti», esses passeios junto da brazeira ou com uma botija de água quente aos pés... Eu bem quis rever a velha Sé Catedral, que na primeira visita tanto me impressionara pelo seu conjunto arquitectónico, mas apenas consegui divisar-lhe a silhueta esbatida e confusa, embora me tivesse espicado uma tarde inteira na sua frente, a menos de cinquenta metros de distancia, com risco de apanhar um resfriamento...; e aquele panorama grandioso que, sob um céu inverniço, é autentica maravilha, disrutado dos pontos mais altos da cidade sobre a serra em redor, esse apareceu-nos apenas como um mar de nuvens, quando mesmo o nevoeiro envolvente deixava vê-lo...

Todavia, levei, dessa minha segunda visita a estas paragens, uma impressão agradável, porque, afinal, aquele tempo tão pouco propício a turistas, apresentava-se assim apenas aqui na cidade e nos seus arredores imediatos: na maior parte daqueles dias, em que os automóveis andavam na Guarda com os faróis acesos e com mil cautelas, ali em baixo, apenas a cinco quilómetros de distancia—mas a menos 300 metros de altitude...!—, na estação do caminho de ferro, os dias estavam límpidos, embora frios; e um pouco mais a baixo ainda, vinte e sete quilómetros, andados por uma estrada encantadora, debruçada toda ela em jeito de miradouro sobre o maravilhoso Vale de Mondego—em Celorico da Beira—, a despeito dos seus quinhentos e tal metros acima do nível do mar, o céu era de uma surpreendente limpidez outonal, os horizontes vastos e nitidos, a temperatura suave como a da nossa Praia da Rocha... E se não ouvimos então cantar ali rouxinóis, num complemento de quadro bucólico, capaz de inspirar um poeta lírico, encantámo-nos, no entanto, por momentos, nas lindas canções beiroas com que as raparigas enchiam o fim da tarde, ultimando as mondas no vale ubérrimo! De tal forma tudo isto, que não resisti a escrever, como escrevi algures, que o que mais me encantara, na minha segunda estadia na Guarda, fôra exactamente a visita que fiz a Celorico da Beira...

Nesta terceira visita, porém, as coisas estão a passar-se de outra forma. E embora os lazeres sejam bem menores e o tal frio que enregelante já por aqui também «faça das suas», o nevoeiro brindou-nos com a sua ausência e anda aí um solzinho pálido, mas acariciante, a pôr manchas de oiro velho nos corcheus góticos da Catedral, nos telhados negros e ponteagudos dos edificios e nos cabelos loiros das raparigas, muito coroadas pelo frio, que passam sob a minha janela, logo de manhãzinha, a caminho do Liceu, deixando um rasto de pègadas leves na geada que então ainda envidraça as ruas. E é sem dúvida, sob este sol de pouco brilho—a que um algarvio tem de chamar «sol doente», comparando-o com o esplendor do seu sol de oiro em fusão—e sob este frio que enregelante, mais ainda do que envolta em nevoeiros cinzentos ou branqueada pela neve dos invernos genuinamente serranos, que a Guarda se mostra em toda a sua formosura, não apenas de cidade antiga, mas sobretudo de rainha das alturas; sob este sol de pouco brilho e também sob o luar enfarinhado e frio, que as últimas noites têm derramado prodigamente sobre a urbe, povoando de sombras misteriosas os recantos das ruas antigas e dos restos dos poucos monumentos primévos e inundando de uma luz branca de mágica os altos dos edificios e as praças e largos.

Foi só ontem á noite que verdadeiramente descobrimos o encanto deste luar dos pincaros dos Herminios; e descobrimo-lo—sabem onde e como?—ao passar incidentalmente ali no Largo das Escolas e ao repararmos que, mesmo a razoável distancia e apesar de ser noite e o único candeeiro da iluminação pública ficar exactamente no lado oposto, conseguíamos ler sem esforço a legenda do monumento, singelo mas expressivo, que os egitanenses levantaram ao seu patricio adoptivo e poeta de raça Augusto Gil. Coisas e coincidências do acaso; mas a verdade é que o «Luar de Janeiro» não pode deixar de ter sido inspirado por este maravilhoso luar da cidade-ninho de águia: é, sem dúvida, o luar branco desta rainha das alturas o que banha de tão suaves claridades e de tão estranho ternura as redondilhas mais belas desse lírico cantor da alma lusitana, alma que nas fragas mais altas dos Herminios se engrandeceu e criou azas para voar intrépida e independente, pelos séculos fôra, até hoje e por toda a eternidade!

(Continúa)

com a violência própria das grandes crises da civilização. Um decreto elaborado sobre as bases apresentado pela «Sociedade da Língua Portuguesa» haveria, certamente, de merecer a gratidão de todos os filólogos, não só por ser

o deferimento das suas antiquíssimas e repetidas petições, mas sobretudo por constituir uma forma de pacificar os mais profundos e justificados recios dos nacionalistas conscientes.

J. C. P.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:
 Em 28—D. Victória Maria Gomes Correia, D. Alda da Graça Lopes e D. Alice Baptista Romão Lopes.
 Em 1 de Março—Srs. Dr. Rui de Avelar Santos, José Júlio Alves Leandro e Custódio Adrião de Jesus Pires Nunes.
 Em 2—Srs. Capitão Rogério de Campos Cansado e Nuno Falcão Ponce.
 Em 3—D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa e D. Ana da Luz Rodrigues de Brito.
 Em 4—Sr. Francisco Sebastião Modesto.

Partidas e Chegadas

Vieram passar o Carnaval a Tavira, as srs.ª D. Marília e Maria Aline Guerreiro Vaz, gentis filhas do nosso assinante sr. Manuel Joaquim Vaz, residente no Barreiro.

—Com sua esposa, partiu para Lisboa, onde fixou residência, o nosso conterrâneo e assinante sr. António Viegas Júnior, regente de bandas civis.

—Com sua esposa, vimos nesta cidade o nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco da Fonseca Franco, presidente do Grémio da Lavoura de Castro Marim.

—Vimos nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Major José Vizeto Chagas, residente em Lisboa.

—Esteve nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Júlio Cordeiro Peres, secretário de Finanças, em Monchique.

—Esteve nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Tulio Gonçalves, funcionário da Companhia de Seguros Fidelidade, em Lisboa.

—Foi à Capital, donde já regressou, o sr. Manuel de Sousa Rosa, conceituado comerciante da nossa praça.

—Com sua esposa, regressou da Capital o sr. Capitão Jorge Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal de Tavira.

—Com sua esposa, veio passar o Entrudo nesta cidade o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Ourique.

—Com sua mãe, esteve nesta cidade a sr.ª D. Olga Palmeira, residente em Castro Verde e nossa prezada assinante.

—Afim de assistir ao funeral de sua tia, veio a esta cidade a sr.ª D. Maria Ventura Parreira de Faria, esposa do sr. Américo de Cunha Parreira de Faria, contabilista da firma Araujo Ribeiro & Dias, desta cidade, acompanhada de seu filho sr. Ventura Dionísio Parreira de Faria, estudante, residente em Lisboa.

Doente

No passado dia 21 do corrente fracturou um braço o nosso prezado assinante sr. Armando Vicente Gomes Cardoso, funcionário da Câmara Municipal, desta cidade.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Neurologia

No passado dia 20 do corrente, faleceu em Faro a sr.ª D. Francisca Bento e Silva, estremosa mãe do nosso querido amigo, sr. Dr. Jaime Bento Silva, ilustre Delegado de Saúde Distrital e antigo Director do nosso jornal.

A sua morte foi bastante sentida nesta cidade, onde a bondosa senhora gozava de gerais simpatias.

Os seus restos mortais foram transportados para esta cidade, na tarde do dia 21 do corrente, em carro funerário, tendo-se o funeral realizado no cemitério do Calvário.

A porta do cemitério aguardavam a chegada do fêretro pessoas amigas da família.

O nosso jornal fez-se representar pelo nosso Director.

Daqui, endereçamos ao nosso querido amigo sr. Dr. Jaime Silva e a sua família a expressão sincera do nosso pesar.

No dia 21 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Mariana Parreira Faria, solteira, que contava 91 anos de idade. A falecida era irmã do sr. José Joaquim Parreira Faria, escrivão de Direito, aposentado, e tia do no nosso prezado amigo e assinante sr. Américo da Cunha Parreira Faria, contabilista da firma Araujo Ribeiro & Dias, Lda., desta cidade.

O seu funeral realizou-se no dia 22 do corrente.

A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.

Visita de Estudo

No passado dia 20 estiveram em Tavira, tendo visitado demoradamente o Posto Agrário, cerca de 30 alunos do Instituto Superior de Agronomia, que, por iniciativa da sua «Brigada Agros» e de colaboração com o Centro Universitário de Lisboa, vieram em viagem de estudo pelo Alentejo e Algarve.

Acompanhava os estudantes o Prof. Carlos Manuel Baeta Neves e o Eng.º Miguel de Melo e Mota, tendo sido também, na visita àquele Organismo, acompanhados por um técnico ali em serviço.

De Tavira, partiram com rumo a Barlavento, a fim de visitarem Portimão, a Serra de Monchique e a Ponta de Sagres.

Pela Província

Luz de Tavira

Foi nomeado regedor desta freguesia o sr. José António Cabeçúlo.

Tem estado em Lisboa, por motivo de intervenção cirúrgica a sua esposa o nosso prezado assinante sr. Sebastião Martins Palmeira.—E.

Santo Estêvão

No passado dia 12 do corrente faleceu em Bernardinho, onde residia, o sr. João Pedro, proprietário, de 76 anos de idade. Deixa viúva a sr.ª Rosa das Dores e era pai dos srs. José Nicolau Flor da Rosa e Joaquim Pedro Flor da Rosa. No seu funeral, para o Cemitério do Calvário, incorporaram-se numerosas pessoas.

A família enlutada envia o «Povo Algarvio» sentidos pêsames.

Comunica-nos o sr. João Bernardo Júnior, proprietário, aqui residente, que uma cabra sua teve 5 filhos, facto este bastante extraordinário, que aqui deixamos registado para conhecimento dos nossos leitores.—E.

Chaminés do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

res do mais apurado sentido estético.

Para quem entra no Algarve pelo caminho de ferro, a primeira povoação é São Marcos da Serra, engastada na paisagem serrana, entre cerros e vales plantados de sobreiros, oliveiras, alfarrobeiras, azinheiras, figueiras, amendoeiras, toda a flora meridional, frutuosa e rica. E, embora os olhos, desde Odemira, pelo menos, vão afeitos ao encantamento dos aspectos naturais do Algarve, que começa, na realidade, nas cercanias daquela terra alentejana; embora as chaminés algarvias, resultado da identidade étnica, embelezem todas ou quase todas as casas dos limites do Baixo Alentejo, é de São Marcos da Serra por diante que o viajor começa a surpreender-se, intensamente, com a profusão, a variedade, o bom gosto nas chaminés. O mesmo acontece a quem entra no Algarve pela estrada nacional. A primeira grande povoação, neste caso, é o Alportel, menos de uma légua antes de São Braz de Alportel. Ali, é impossível que os olhos, desconsolados pela uniformidade da charneca ou da seara alentejanas e, até, pela sucessão de cerros, nas primeiras dezenas de quilómetros em terra algarvia, para lá do Ameixial, não se perturbem, agradavelmente, com a visão multifária das chaminés. Por sorte, o Alportel é uma das terras algarvias mais favorecidas pela arte dos construtores de chaminés caseiras. Abundam, naquela povoação de sedativo ambiente e ares tónicos, as chaminés de graciosos arabescos, trabalhadas com extraordinário bom gosto. Há-as de todos os tamanhos, de todos os feitios, quase poderia dizer: de todas as cores. Porque as cores são também, objecto de especiais cuidados, por parte dos architectos anónimos e modestos que enchem o Algarve, o país da cor e da luz, de maravilhas de arte,—de arte despreziosas.

Precisaria de longo artigo para poder referir-me, com relativa minúcia, às terras algarvias em que se notam mais elegantes e esquisitas chaminés. A Olhão e a Vila Real de Santo António, por exemplo, teria de consagrar especiais referências. Não o faço, até porque se me afigura preferível manter no leitor curiosidade latente e, com esta, o desejo de conhecer, *de visu*, um dos mais interessantes motivos de beleza da mais meridional das províncias portuguesas. Na verdade, as chaminés algarvias, que já determinaram um concurso fotográfico regional, são uma das muitas graças de que o Algarve é úbere. Com o céu e o mar muito azuis, os cerros verdes e os moinhos brancos, as amendoeiras em flor e os «montes» nitentes de cal, os jumentos de bíblico perfil e as mulheres de chapéu e lenço, o Algarve tem as mais lindas chaminés de Por-

FUTEBOL

Lusitano, 0 — Braga, 1

A vitória do Braga em Vila Real, sucedendo-se dois dias após, à vitória do Lusitano sobre o Sporting, só não surpreendeu quem tivesse presenciado o encontro.

Todos esperavamos jornada calma, para não dizer folgada. Contudo, foi precisamente ao contrário, o que se verificou:—Podemos dizer, afoitamente, que o desafio de domingo exigiu maior desgaste, em nervos, que o de quinta.

Este paradoxo, difícil de demonstrar no papel, tomou foros de realidade na segunda parte do encontro pelo menos, a tal ponto que o público, diapasão gigantesco da psicologia de um «onze», saiu literalmente arrazado do campo de jogos. Arrazado, tanto ou mais, que após o jogo do Sporting, em inverso sentido, evidentemente.

A vitória do Braga foi, acima e antes de tudo, uma vitória de tática. Melhor dizendo, o encontro foi ganho pelo treinador do Braga, para quem vai o nosso aplauso, pela competência demonstrada.

Em boa verdade, os visitantes, ao adoptarem o sistema defensivo o que é vulgar, não esqueceram jámais que uma defesa vive também do contra-ataque, o que é raro observar-se em Portugal.

O futebol português vive, hoje, ou só para o ataque ou só para a defesa.

O mérito do Braga foi resultante de uma inteligente concepção estratégica:—Defender... mesmo quando ninguém ataque. Atacar, atacar inesperadamente... mesmo que em apertada defensiva.

E foi assim que o Braga meteu o golo, ganhou o desafio e liquidou o Lusitano.

A marcação cerrada, de homem a homem, apertada no centro do terreno e a desconcertante habilidade dos extremos impuseram a vitória, quando e como foi necessário.

O Braga—é interessante apontá-lo—chegou a jogar com sete defesas:—três habituais, dois médios recuados e dois interiores! Basta dizer-se que os interiores do Braga marcavam... os interiores do Lusitano.

E foi assim que o Pedroto claudicou, que o Caldeira se enervou e o Lusitano se afundou...

O esgotamento físico ainda mal compensado, que o Sporting havia deixado em troca da derrota que levava, não é condição suficiente, embora admitamos que seja necessária, para explicar o fracasso. Para lá do músculo, houve o cérebro, a decidir num prélio, que só o músculo costuma resolver. E o cérebro venceu, como é logicamente evidente.

Um pequeno apontamento: Se a defesa adversária jogava recuada, unida, dura e atenta, qual a razão de se colocar no extremo um homem como Luís, para deixar Angelino ao centro a suportar, com a sua fragilidade fácil, uma ofensiva que, a ter êxito, só o poderia conseguir replicando à dureza com dureza, à energia com energia e à obstinação, com redubrada obstinação?

Pedroto fez o peor desafio da época. Manchas, tem-nas o Sol... diz a cantiga popular. Esperemos o resto da temporada e evitemos juízos precipitados.

Todos os outros em tarde manifestamos infeliz, que, guardamos, seja reabilitada muito em breve.

R. C.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

tugal. Apontá-las aos portugueses que não as conhecem, que lhes ignoram os encantos, é, pois, dever, não só de esteta como de patriota, não só de turista curioso, interessado e atento, como de português orgulhoso do seu belo, do seu admirável, do seu maravilhoso Portugal.

Hugo Rocha

CINZAS

Meu Carnaval da vida, folião,
 Meu trágico palhaço arrependido!
 Oh, Entrudo de farsa, meu truão,
 Como ficaste velho, de esquecido!

Essa caraça alegre, de ocasião,
 Esse tremor, de um riso mal contido,
 Essa soturna-alegre procissão,
 Já os não tens, agora, envelhecido!

Oh, Carnaval da vida, belo-imundo,
 Da grande estudantina esgazeadas,
 Tu já não ris de ti, nem ris do Mundo!

Oh, Cinzas, protectoras da loucura,
 Vinde depressa! Abri a sepultura,
 Aonde vá dormir a mascarada!

Tavira, Fevereiro 1950

ROCHETA CASSIANO

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Junta Nacional da Cortiça

Sr. Director do Jornal «Povo Algarvio» — Tavira

As regiões do País de maior importância suberícola estão sendo percorridas por técnicos da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e Junta Nacional da Cortiça que fiscalizam como se está fazendo a poda dos sobreiros e aconselham as melhores normas a seguir naquele trabalho, o que é, afinal, a continuidade da feliz iniciativa deste último Organismo, levada a efeito durante os três últimos anos com a criação de cursos de podadores e intensa propaganda de protecção ao sobreiro.

Por se verificar, através daquelas inspecções, que a maioria dos subericultores está podando as suas árvores de forma contrária ao que se encontra legislado, aos ditames da técnica e aos seus próprios interesses, venho solicitar a V. Ex.ª se digno, por intermédio do seu Jornal, chamar a atenção dos interessados para que procedam de harmonia com o que está estabelecido e se tem aconselhado, pois de contrário sujeitam-se à aplicação das sanções previstas nas leis de protecção ao sobreiro, sacrificam a vitalidade das árvores, que são afinal a base da sua economia, e provocam simultaneamente, com o fornecimento em grande escala dos produtos extraídos dos despojos das arrieas e mutilações, a desvalorização dos rendimentos fundamentais do montado — naturalmente a cortiça de extracção normal e as lenhas e madeiras dos desbastes culturais.

Com os antecipados agradecimentos,

A BEM DA NAÇÃO

O Director dos Serviços Técnicos

Polícia Cívica e Policia de Segurança Pública

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

na sua vida civil não tenham praticado qualquer acção que possa destoar da dignidade da farda que amanhã venham a vestir.

O serviço de guarda de Polícia tem, como finalidade especial, saber tratar da maneira mais elevada, sobretudo com urbanidade, os indivíduos de todas as classes sociais que sejam dignos dessa deferência, porque os hábitos de disciplina que recebem, bem como dos regulamentos que a ditam, um nada ou quase nada são diferentes da disciplina militar, velada pelos seus superiores.

O regulamento, além de obrigar a cumprir fielmente tudo que determina sobre o respeito aos superiores e acatamento as suas ordens, também determina que seja prestado auxilio e todo o respeito à pessoa humana e a toda a Sociedade organizada; mas, simultaneamente, todas as camadas sociais têm a obrigação e o dever de tratar a Polícia com todo o respeito que lhe é devido, bem como olhá-la e estimá-la com todo o carinho de que é merecedora. E, assim, ela jamais hesitará no cumprimento do seu dever profissional e patriótico, perante imposições alheias à sua autoridade, na repressão de acções que a todos os títulos sejam incompatíveis com os objectivos da Ordem Pública e da protecção a todos os cidadãos pacíficos.

Os deveres da Policia de Segurança Pública sobre assuntos de sociologia, certamente expostos pelos comandantes distritais, nas suas prédicas, implica sem-

Por esse Mundo fóra...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

putados comunistas responsáveis pelo incidente.

● Como consequência de dois meses de negociações, foi assinado um tratado de aliança entre a Rússia e a República Popular Chinesa, tratado válido por trinta anos renováveis. Foi também assinado um acordo, pelo qual a União Soviética concede à China créditos no valor de 300 milhões de dólares. Em Washington, tanto o tratado como o acordo são considerados ataques à política americana no Extremo-Oriente.

● Por cento e setenta e cinco votos em trezentos votantes, foi reeleito Presidente da Finlândia por um novo período de seis anos, Paasikivi, tendo os seus opositores conseguido apenas o máximo de sessenta e três votos. A eleição foi feita numa certa tensão nervosa, em virtude da recente explosão de uma bomba junto das portas principais do Parlamento.

● Num discurso integrado na campanha eleitoral, Stafford Cripps, Chanceler do Tesouro, atacou violentamente Churchill, afirmando que ele não possui a mínima noção dos problemas económicos que se apresentam no tempo de paz, ataque a que o vigoroso chefe do Partido Conservador respondeu, dizendo que já sofreu críticas de pessoas de mentalidade mais substancial e sólida que Cripps.

● Segundo Rudolf Rahn, último embaixador nazi junto do Quisinal e que está a responder no Tribunal de Desnazificação de Munique, declarou que Hitler ordenou, por duas vezes, que o Vaticano fosse arrasado. A primeira foi em 1943, quando da capitulação da Itália; e a segunda, no Inverno do ano seguinte. O argumento de Hitler era de que o Vaticano era um local de repouso para os espiões aliados.

IMPARCIAL

pre o conhecimento dos deveres cívicos—tradicionalis da raça—e de um pouco de história da Pátria, principalmente na acção do Exército e de Armada, que lhes mostram quanto deve o País aos seus militares, que, através de tantas vicissitudes, conservam intacto aquele espírito que caracteriza a nossa.

História Gloriosa. E' sempre oportuno lembrar que foram eles — no «28 de Maio» — quem evitou o desmoronar do edificio tão belo e tão nobre—entregando-o nas sábias mãos de Salazar—que o conduziram por caminhos de prosperidade e ventura para a Pátria.

Assim, com estas linhas tão simples, demonstramos o paradoxo existente — no tocante a civismo, disciplina, organização e acção—da chamada «Polícia Cívica», de carácter negativo, no tempo da política demagógica, e da Policia de Segurança Pública, de carácter positivo, reorganizada pelo Estado Novo.

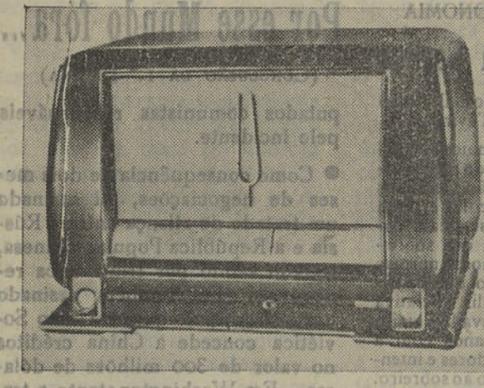
Manuel Francisco Controlras Júnior

O Melhor Companheiro das Noites de Inverno é um bom receptor de T. S. F.

RÁDIO DUCRETET-THOMSON
SÍNTESE MARAVILHOSA DAS TÉCNICAS EUROPEIA E AMERICANA

APARELHOS DAS MELHORES MARCAS
PARA CORRENTE E BATERIAS

Aerodinamos - Grafonolas
DISCOS: as últimas novidades
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES
Columbia e Decca
MÚSICA em DISCOS



Ferros de Engomar
Eléctricos - Automáticos

AGÊNCIA:
Rua Dr. Parreira, 13
TAVIRA

ARRENDAR-SE
Uma oficina de ferrador em Távira, na Rua da Asseca. Tratar com Custódio Bento, no estabelecimento do sr. Domingos da Horta, na mesma Rua.

CASA
Vende-se, na Rua das Pedras. Trata Custódio Farrajota - Távira.
Anuncial no "Povo Algarvio"

Empresa de Publicidade Algarve, Lda
«Tipografia Povo Algarvio»
Rua Dr. Parreira, 9 - TAVIRA

Executa com a máxima perfeição
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

A PREÇOS MÓDICOS
Fábrica de Carimbos
Aceitam-se encomendas para qualquer parte

J. A. Pacheco
TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas
PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas
J. A. PACHECO
Tenham a consagração do público que os consome.
TELEFONE 13 APARTADO 13

JOP
JOPINHAL
Vinhos de mesa

Júlio Sancho
Médico-Radiologista
ROENTGENDIAGNÓSTICO
TOMOGRAFIA
ELÉCTROTHERAPIA
Mudou o consultório para a
Rua Castilho, 37
TELEFONE 368 FARO

PRÉDIO
Com frente para a Av. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 12 e Rua Dr. Miguel Bombardeira, n.º 9 e 11. Vende-se.
Trata José Viegas Mansinho - Távira.

ARRENDAR-SE
Baixo de casa, com o n.º 16, na Rua dos Mouros, próprio para armazém ou depósito. Tratar na Rua do Poço do Bispo, n.º 7 - Távira.

CARLOS PICOITO
ADVOGADO
Avenida da República, 120-122
TELEFONE 128
FARO
Consultas em Távira, às quintas-feiras, no escritório de solicitador Carmo Pares

ÍNDIA
Portuguesa
Publicações Recebidas
Sociedade de Língua Portuguesa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)
a bem da Liberdade, da Religião e da Pátria... a) Bispo de Bragança e Miranda.»
«Vivi na Índia Portuguesa, onde fiz todo o curso dos liceus. Assisti vários anos, no dia 3 de Dezembro, à peregrinação ao túmulo de S. Francisco Xavier, onde se juntavam muitas dezenas de milhar de peregrinos. Conheço o impenitente portugalismo de alguns centos de companheiros de estudo. Conservo ainda um exemplar dos «Lusíadas» que um colega de então, hoje médico distinto em Goa, me ofereceu com a seguinte dedicatória: «Como recordação ofereço ao estimado colega um exemplar da nossa Bíblia, a Bíblia dos Portugueses». Em nome desses colegas, portugueses como eu, apresento a Vossa Excelência o mais veemente protesto contra a pretendida absorpção daquele pedaço de Portugal pelo Governo da Índia e manifesto ao Governo a que Vossa Excelência preside tão brilhantemente a mais profunda confiança. a) Major Nery Teixeira, Governador Civil de Braga.»
«Como goês que se orgulha da sua terra natal, pretexto perante o Mundo livre contra as tentativas de aniquilamento da nossa forte e incontundível personalidade resultante de um verdadeiro intercâmbio espiritual, sem par entre o Ocidente e o Oriente. Queremos continuar livres na nossa modestia territorial e não absorvidos pelo imenso império vizinho que acolhemos com franca simpatia mas sem nos confundirmos com ele. Somos livres no mesmo nível dos continentais e mesmo quando o mérito de cada um o permite assumimos lugar proeminente no seu escol como sucedeu com o Abade de Faria, Gama Pinto, Alfredo Costa e como sucede com os Doutores Cunha Gonçalves e Froilano de Melo, de renome mundial. Cumprimenta respeitosamente. a) Francisco Xavier Morais Sarmiento, Juiz de Direito.»

EDITAL
ARNALDO GUERREIRO, agente técnico de engenharia, chefe-interino da 5.ª Circunscrição Industrial, faz saber que Manuel Sabino Costa Trindade, requerer licença para instalar uma padaria de fabrico de pão de trigo de farinha espoada, com forno de cozedura, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situada na Travessa das Cunhas, com os números quarenta e três e quarenta e cinco de policia e Beco das Cunhas, com o número dez de policia, freguesia de Santa Maria, concelho de Távira e distrito de Faro.
Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutualidade Popular).
Faro, em 15 de Fevereiro, de 1950.
O Chefe da Circunscrição Industrial,
Araldo Guerreiro

Dos Livros...
O Livro das Raparigas
Está publicada a série 14.ª desta admirável e utilíssima antologia, dirigida pela escritora Mariália e editada pela Livraria Romano Torres, antologia que, pelo critério com que é elaborada, há muito conquistou a simpatia do público leitor, especialmente feminino, sendo hoje já rara a estante da rapariga moderna e culta que não tenha um friso de «Livros das Raparigas».
Entre os assuntos da presente série, destacam-se escritos dos estrangeiros James Joyce, Francis Harte, Mussolini, Maugham e Tlahertig e dos nacionais António Ferro, Beatriz Arnat, Gaspar Simões, sem falar dos consagrados Camilo, Raul Brandão, Maria Amália e Branca de Gonta.
Uma capa atraente e apropriada ao título do «Livro», alguns desenhos no texto, poesias e pensamentos e colaboração vária na secção «As nossas novas escritoras» valorizam e tornam interessante a série 14.ª de «O Livro das Raparigas» que João Romano Torres nos enviou e nós agradecemos.

RELÓGIOS
A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!
Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:
Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.
OURIVESARIA MANSINHO - Távira

Quereis fazer bons negócios?
Anuncial no semanário regionalista
«Povo Algarvio»